

SALA DE ENSAIO: HUMANIDADES, CULTURAS E ARTES

Anna Paula Soares Lemos¹

A proposta desta edição temática nasce da imagem e do conceito da sala de ensaio, espaço originário do teatro, mas aqui expandido como dispositivo epistemológico, metodológico e político para pensar a produção de conhecimento nas Humanidades, nas Culturas e nas Artes. No teatro, a sala de ensaio não é apenas o lugar da preparação técnica de um espetáculo: é o território do risco, da escuta, do erro produtivo, da experimentação coletiva e do pensamento em processo. Trata-se de um espaço onde o saber não se apresenta como forma acabada, mas como construção compartilhada, atravessada por corpos, afetos, temporalidades e contextos históricos.

Essa concepção dialoga diretamente com minhas pesquisas em teatro, especialmente com o projeto “Sala de Ensaio: a produção teatral brasileira em tempos de isolamento social”, desenvolvido com fomento Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ. A investigação partiu da compreensão de que, durante a pandemia de Covid-19, o deslocamento forçado da cena para outros ambientes — digitais, domésticos, híbridos — não suprimiu a sala de ensaio, mas a reconfigurou. Ela passou a existir como prática de encontro possível, como metodologia de criação, como espaço de resistência simbólica e de reinvenção do fazer artístico em contextos de crise. Ao compartilhar essa pesquisa com alunos e professores da escola pública do Rio de Janeiro, tornou-se evidente que a sala de ensaio extrapola o campo estritamente teatral, aproximando-se da sala de aula, dos grupos de pesquisa e dos espaços formativos em ato, onde o conhecimento se produz no diálogo e na experiência.

¹ Doutora e Mestre em Literatura Comparada na Faculdade de Letras - UFRJ. Atualmente é Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, PPGHCA/AfyA UNIGRANRIO. É JCNE - Faperj, PROGRAMA JOVEM CIENTISTA DO NOSSO ESTADO - 2023 com a pesquisa "SALA DE ENSAIO: A PRODUÇÃO TEATRAL BRASILEIRA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL". Como jornalista, foi Produtora de Reportagem na Central Globo de Jornalismo - TV Globo, no Canal Futura, GloboNews. Defendeu no Mestrado a dissertação "Ariano Suassuna, o palhaço-professor" publicada pela Editora Multifoco. No Doutorado -- com bolsa de pesquisa CNPq e PDSE- Capes -- defendeu a tese "Anotações de um diretor: o cinema de Federico Fellini na televisão" com pesquisa feita na La Sapieza di Roma e no Centro Sperimental de Cinematografia di Roma. É líder do grupo de pesquisa IMAGEMNO - Núcleo de Estudos em Imagens, Memórias, Narrativas e Oralidades. Organizou esse ano o livro Teatro e Ensino: a cena como potência transformadora.

Foi a partir dessa reflexão que, no âmbito de uma disciplina de Seminário do doutorado em Humanidades, Culturas e Artes, PPGHCA, propusemos aos estudantes, quase todos professores de escola pública, o desafio de conceber um evento acadêmico que funcionasse como uma sala de ensaio coletiva: um espaço de trocas, de escuta e de apresentação de pesquisas em andamento, assumidamente provisórias, experimentais e abertas ao debate. Pensar o ensaio acadêmico em paralelo à sala de ensaio teatral permitiu tensionar modelos tradicionais de produção científica, valorizando processos, percursos e inacabamentos como parte constitutiva do conhecimento.

As comunicações aprovadas para o Seminário Sala de Ensaio: Humanidades, Culturas e Artes deram origem aos textos reunidos nesta edição. Cada artigo, a seu modo, ensaiava perguntas, métodos e olhares, compondo um mosaico de investigações que transitam entre educação, literatura, memória, identidade, tecnologia, inclusão, território e práticas culturais. Assim como no teatro, não se trata aqui de apresentar respostas definitivas, mas de abrir cenas de pensamento, nas quais diferentes vozes e experiências se colocam em relação.

Os textos publicados evidenciam que a sala de ensaio pode ser compreendida como metáfora potente para pensar a pesquisa contemporânea: um lugar de negociação entre teoria e prática, entre subjetividade e coletividade, entre tradição e ruptura. Ao acolher investigações que lidam com multiletramentos, narrativas silenciadas, deslocamentos forçados, educação inclusiva, relações de gênero, gestão escolar, pertencimento territorial e formação docente frente às tecnologias digitais, esta edição reafirma a vocação das Humanidades para operar no entre, no atravessamento e na escuta sensível dos contextos sociais.

Em “MULTILETRAMENTO: UMA ANÁLISE DE ATIVIDADES DIDÁTICAS DE LEITURAS DE IMAGENS NO FACEBOOK”, Suzana Maria Santos propõe uma reflexão sobre o uso das mídias digitais como espaço pedagógico de experimentação. O artigo analisa práticas de leitura de imagens no ambiente escolar a partir do Facebook, compreendendo o multiletramento como prática social situada e relacional. Ao tratar a imagem como objeto e instrumento de ensino, a autora insere a escola em uma lógica próxima à sala de ensaio: um espaço de criação compartilhada, no qual alunos e

professores testam linguagens, constroem sentidos e ampliam repertórios de leitura no diálogo com a cultura midiática contemporânea.

O artigo “NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS: SUBJETIVIDADES NA EDUCAÇÃO E NA LITERATURA BRASILEIRA”, de Karla Almeida Cardoso, investiga os efeitos do apagamento das vozes femininas na história literária brasileira sobre a constituição das subjetividades escolares. Ancorada em um sólido referencial teórico — que articula Bourdieu, Beauvoir, Cândido, Joan Scott e Foucault —, a autora evidencia como a tradição patriarcal ainda estrutura o campo educacional, silenciando autoras como Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta e Narcisa Amália. O texto propõe uma pedagogia da escuta e da memória, aproximando-se da sala de ensaio como espaço de reativação de vozes silenciadas e de reescrita crítica dos cânones.

Em “ENTRE A MEMÓRIA E O SILENCIO: A EXPERIÊNCIA ESCOLAR DE CRIANÇAS HAITIANAS EM CONTEXTOS DE DESLOCAMENTO”, Maxo St Victor e Vera Lucia Martiniak abordam o percurso escolar de crianças haitianas afetadas por processos de migração forçada. O artigo analisa como memória, silêncio e subjetividade se entrelaçam na experiência educacional dessas crianças, compreendendo a escola tanto como espaço de apagamento quanto de resistência simbólica. Ao articular autores como Paul Ricoeur, Georges Didi-Huberman e pensadores haitianos do exílio, o estudo transforma a escola em uma espécie de sala de ensaio do pertencimento, onde traumas, rupturas e estratégias de ressignificação são continuamente negociados.

O texto “EDUCAÇÃO E INCLUSÃO: FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES COM ÊNFASE NA DEFICIÊNCIA VISUAL”, de Mariluce Groba Andres Ribeiro e Haydá Maria Marino de Sant’Anna Reis, analisa a formação continuada de professores como condição fundamental para a efetivação de práticas educacionais inclusivas. A partir de uma revisão sistemática da literatura, as autoras evidenciam desafios estruturais e lacunas da formação inicial, destacando a formação continuada como espaço de aprendizagem em processo. Nesse sentido, o artigo comprehende a prática docente como ensaio permanente, no qual o professor constrói saberes teóricos e práticos a partir do encontro com a diferença.

Em “MATRIMÔNIO E RELAÇÕES DE GÊNEROS NA LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS”, Leandro Rodrigues Nascimento da Silva, Eliezer Gonçalves Cordeiro e Joyce Alves da Silva analisam as representações do matrimônio e das relações de gênero na obra Meu Sonho é escrever.... Ao se concentrarem nos textos de humorismo, os autores evidenciam tensões recorrentes entre masculino e feminino, marcadas por situações de desprezo e desigualdade. O artigo lê a escrita de Carolina Maria de Jesus como espaço crítico de exposição das violências simbólicas de gênero, funcionando como uma sala de ensaio literária onde a autora tensiona papéis sociais e normas patriarcais.

O artigo “O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA PROMOÇÃO DA ESCOLA COMO ESPAÇO DE IDENTIDADE(S)”, de Adriano Soares, discute a gestão escolar como agente fundamental na construção das identidades culturais no ambiente educacional. Dialogando com Stuart Hall e Maria da Glória Gohn, o texto comprehende a escola como espaço atravessado por múltiplas identidades e conflitos simbólicos. A gestão é pensada como mediadora desses processos, capaz de transformar a escola em um espaço de ensaio coletivo das diferenças, no qual pertencimentos, memórias e lutas sociais são reconhecidos e articulados.

Em “POPULARIZAÇÃO DAS TRILHAS NA BAIXADA POR MEIO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU: AS PEGADAS DE UM GRUPO”, Luciano de Almeida Feitosa investiga a atuação de um coletivo de trilheiros da Baixada Fluminense e sua contribuição para a construção de pertencimento territorial e imagem positiva da região. Ao articular educação não formal e lazer, o artigo mostra como práticas culturais e corporais no território funcionam como ensaios de cidadania, memória e reapropriação simbólica do espaço público, deslocando narrativas estigmatizadas sobre a Baixada.

Por fim, “ENTRE FRAGMENTAÇÕES E RECONSTRUÇÕES: A FORMAÇÃO DOCENTE NO ENCONTRO COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS”, de Natália Xavier e Lilia Gonçalves, analisa criticamente a inserção das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação na formação docente. As autoras questionam abordagens tecnicistas e defendem uma formação que reconheça o professor como sujeito histórico, afetivo e relacional. Ao dialogar com Freire, Morin, Fazenda e Japiassú, o artigo propõe uma

formação entendida como processo ensaístico, interdisciplinar e humanizador, capaz de resistir à fragmentação do saber na modernidade tardia.

Conjuntamente, os textos desta edição reafirmam a sala de ensaio como metáfora potente para a pesquisa contemporânea: um espaço de experimentação, escuta e construção coletiva do conhecimento, no qual o pensamento se faz em movimento, aberto às tensões do presente e às reinvenções do futuro.

Boa leitura!